

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

SUBSÍDIOS PARA O ESTUDO DE UM PLANO DE FOMENTO COLONIAL. RESUMO DE UM RELATÓRIO.

MACEDO, Alberto Cardoso Martins de Meneses

Ano: 1941 | Número: 51

Como citar este documento:

MACEDO, Alberto Cardoso Martins de Meneses, Subsídios para o estudo de um Plano de Fomento Colonial. Resumo de um relatório. *Revista de Guimarães*, 51 (4) Out.-Dez. 1941, p. 331-344.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Subsídios para o estudo de um plano de fomento colonial

(Resumo de um Relatório)

(Continuação de pág. 115)

Os dois extensos planaltos angolanos que melhor se prestam à colonização europeia (industrial e agrícola) e que, conseqüentemente, podem ser aproveitados com maior utilidade para a criação de gado e para as culturas mais vulgares, são o da Huila e o de Benguela. O planalto da Huila tem uma população de 247.000 indígenas e 23.000 europeus. Nêle existem altitudes de 1.800 a 2.200 metros, e climas tão benignos como os do planalto de Benguela, e até superiores a muitos da Europa. Mas, estas terras são pouco irrigadas, não se encontrando nelas também as quedas de água que se vêem no planalto de Benguela. Nas proximidades da Humpata, que fica a 25 quilômetros do Lubango, há muitas pedreiras de mármore e alabastros, encontrando-se também já estabelecidos nessa região fornos para a preparação da cal, que ali se vende por baixo preço. Seria, portanto, fácil corrigirem-se, em parte, as terras de cultura, dotando-as da cal de que, por acaso, careçam.

O clima da Humpata permite ao europeu exercer a sua actividade com tanto vigor físico como se estivesse na Europa.

Os rios da Huila e os do Sul de Angola são de caudais muito irregulares, havendo épocas do ano em que os seus leitos se apresentam completamente secos, e outras vezes em que as inundações e torrentes impetuosas causam os maiores estragos.

Será possível na época sêca obter-se água por

meio de poços artesianos? Talvez. E, sendo assim, poder-se-ão tornar muito mais ricas aquelas terras.

A linha férrea de Mossâmedes apenas tem um percurso de 248 quilómetros. Chega à cidade de Sá da Bandeira (Lubango), atravessando o deserto do Giraúl e a Serra da Chela, cujos terrenos são improdutivos.

Como não há água nem lenha, quer em Mossâmedes, quer entre esta cidade e Villa Arriaga, são indispensáveis combóios especialmente destinados ao seu fornecimento, sem o que, nem êsses combóios poderiam transitar, nem hoje seria possível viver-se em Mossâmedes. Este pôrto de mar não tem cais acostável, como não tem sequer um matadouro, e muito menos um frigorífico.

O Lubango (Sá da Bandeira), términus da linha férrea de Mossâmedes, já situado no planalto da Huila, marca o começo das terras férteis desta zona. De ali para sul, encontramos as regiões da Humpata, Huila, Chibia, Gambos (o celeiro da Huila) e, a seguir, as regiões do Humbe, Evale, Cuamato, Cuanhama e os extensos terrenos nas margens do Cunene e Cubango, que produzem milho e outros cereais em abundância, e são excelentes para a criação de gados, como tôdas as faldas da Serra da Chela. As estradas do planalto já podem hoje ser percorridas por carros, em qualquer época do ano. Mas, como presentemente o caminho de ferro não vai além de Sá da Bandeira, estão as outras terras, praticamente as mais férteis, sem fácil escoante para os seus produtos.

No planalto de Benguela, com altitudes variando entre 1.500 e 1.900 metros, há muitas regiões saudáveis, servidas por um magnífico caminho de ferro — o do Lobito a Teixeira de Sousa — de 1.400 quilómetros de extensão, que oferece boa capacidade de utilização àquelas extensas terras produtivas que atravessa. Além disso, os rios apresentam caudais com volume suficiente para poderem irrigar permanentemente as terras, e possuem quedas de água para a produção de fôrça motriz.

A's regiões da Huila falta um bom porto de mar, em condições de poder dar vasão aos produtos do

interior, como falta um combóio que transporte êsses produtos até ao litoral. Verificamos, assim, que êste último planalto se encontra em muito piores condições de colonização do que o de Benguela. Entre os dois, há terras muito férteis, que se engrandeceriam se tivessem fáceis comunicações com o litoral e com outras regiões produtoras e consumidoras.

Por estas razões, ocorre perguntar qual será mais útil: apetrechar devidamente o pôrto de Mossâmêdes, destinado a servir o planalto da Huila e o Sul de Angola, ou ligar o caminho de ferro dêste planalto com o do planalto de Benguela por um ramal, aproveitando-se, assim, sem novos dispêndios, o pôrto do Lobito para o tráfego de tôdas estas regiões? Este ramal poderia partir do Lubango, de Vila Arriaga ou da Quilemba, para entroncar com a linha de Benguela na estação de Catengue, por exemplo. Neste caso, conviria ainda estabelecer outros ramais, de Quilengues a Caconda e de Caconda a Caála, e prolongar até ao Humbe a linha férrea que actualmente termina no Lubango. E, então, seria muito facilitado o escoante de todos os produtos destas vastas regiões, desde os pontos mais longínquos, nas margens do Cunene e do Cubango.

A 15 quilómetros da Humpata, num extenso, irrigado e bom terreno, a 2.200 metros de altitude, está instalada uma estação zootécnica modelar, que nos honra, e honraria qualquer outra nação europeia. Tem magníficos edificios para habitação do director e empregados europeus, óptimos estábulos para gado bovino, as mais higiénicas pocilgas para porcos, instalações perfeitas para coelhos, cortes com o tamanho e limpeza convenientes para o gado lanígero, etc. Até os galináceos possuem lindas e boas instalações. Neste estabelecimento é feita a selecção das diversas raças de animais ali criados, fornecendo-se indicações precisas sôbre o maior rendimento que se pode obter em carnes, leite, lã, etc., e sôbre aquelas que melhor trabalho podem produzir. Também ali são feitos importantes estudos sôbre forragens para a alimentação dos gados. A luzerna chega a atingir alturas de 2 metros, permite 7 ou 8 cortes anuais, e dura 7 a 8 anos. Sendo a terra lavrada e adubada, pode dar ainda maior

número de cortes durante igual temporada. O capim vermelho é o mais vulgar, e o de maior produção.

Nenhum português pode furtar-se a um sentimento de orgulho e de entusiasmo ao visitar êste estabelecimento, aliás de muito cara construção e dispendioso sustento. Pena é que, simultâneamente com esta bela realização, não se dotasse o pôrto da região que ela serve (e que é, na verdade, uma das mais próprias para a criação de gados) com o necessário apetrechamento e os já indicados matadouros, câmaras frigoríficas, etc. A estação zootécnica indica, é certo, qual o gado seleccionado que melhor carne produz; mas só se poderá tirar o devido proveito destas e outras informações quando para essa carne houver a garantia de consumo. Por outro lado, é indispensável saber-se se êsse gado, criado em estábulos e submetido a tratamentos especiais, se manterá no mesmo estado de corpulência e robustez, uma vez sujeito ao regime pastoril.

*

Visto ser fácil obter na Colónia de Angola, por preços baixos e abundantemente, as peles dos bois adultos, as cascas tanantes e a cal; não exigindo, por sua vez, a curtimenta pelo processo vegetal grandes conhecimentos científicos; atendendo, por outro lado, a que não é difícil encontrar técnicos pouco exigentes, mas com a competência bastante para dirigirem esta espécie de trabalhos industriais, que dispensam maquinaria e permitem, portanto, o estabelecimento de preços diminutos; e como, finalmente, as pelarias produzidas por êste sistema (solas e atanados) têm grande consumo nas colónias, — poder-se-á julgar que uma exploração desta natureza seja lucrativa, e o certo é que já algumas fábricas se encontram em laboração no planalto da Huila. Todavia, não devo ocultar que, por motivos que desconheço, nenhuma delas se encontra em franca prosperidade.

A curtimenta pelo crómio, destinada a produzir pelarias de luxo (camurças, calfs, chevreaux, vernizes finos, etc.), não deve ser compensadora em Africa. As razões disto são várias, a saber: — as peles mais próprias para esta espécie de trabalhos industriais são as

das vitelas (vitelas bem tratadas, com *flores* perfeitas, aveludadas, macias e gordas), que, ali, raras vezes se abatem; não existem em Africa os produtos químicos indispensáveis para tal género de curtimenta, tornando-se necessário importá-los; a população europeia, ainda reduzida, poucos artigos desta natureza pode consumir, e a indigena não gasta, naturalmente, cabedais finos e de luxo; este fabrico pelo crómio carece de técnicos com conhecimentos científicos especiais que, se na Metrópole já são raros, caros e exigentes, com maior dificuldade se encontrariam nas Colónias; finalmente, este ramo especial da indústria de cortumes precisa de máquinas em grande número, caras e de manejo difícil, que não dispensam, portanto, um pessoal habilitado e especializado, naturalmente custoso de obter, ensinar e manter em Africa.

*

Em qualquer emprêsa, seja onde fôr explorada, a técnica é sempre a parte fundamental. Não há maneira de administrar com segurança, quando o produto não sai perfeito e não consegue vencer a concorrência. Os primeiros esforços da administração devem incidir no melhoramento máximo da técnica do fabrico. Se esta vence, o resto caminha por si mesmo, bastando pôr em prática as leis de vigilância e de escrituração normais, que evitem desvios ou gastos laterais injustificáveis. Se a contabilidade é necessária para revelar as oscilações por que uma emprêsa passa, a técnica da produção é a única que pode valorizar a emprêsa, independentemente do maior ou menor capital empregado ou em giro. Isto quer dizer que o capital, por maior que seja, está subordinado à maneira como êle é eficientemente empregado e utilizado. Perde-se, se este emprêgo fôr rotineiro, empírico, improgressivo, sujeito a tôdas as contingências, e, portanto, dispendioso, imperfeito ou incerto.

*

Fibras têxteis. O algodão é ainda a principal matéria prima de toda a indústria têxtil. Mas, estão a ser experimentados, com resultado satisfatório, a ra-

mie, a *urena lobata*, a *triumpheta cordifolia* e outras fibras, já hoje consideradas de grande valor industrial.

A cultura do algodão está actualmente a despertar um grande interesse.

E', todavia, arriscada a sua exploração como cultura única, porque, sendo caro o trabalho e muito irregular a produção, bastam dois anos seguidos de más colheitas para os prejuizos causarem os mais sérios embaraços ao agricultor.

Convém, pois, tratar-se esta cultura em conjunto com outras, para os prejuizos dos anos maus poderem ser cobertos pelos lucros das restantes colheitas, ou por meio de *zonas de influência*, concedidas ao abrigo da legislação em vigor.

Tais zonas de influência são concedidas pelo Estado a indivíduos ou firmas que as requeiram, habilitados com o capital necessário para procederem a esta forma de exploração, possuindo máquinas para desfibrar, limpar e prensar o algodão em caroço adquirido ao indígena, e dispondo de meios de o transportar, devidamente preparado, para os locais indicados pela Junta de Exportação do Algodão. Isto sem falar no capital indispensável para o giro comercial, que é importante.

Os concessionários destas *zonas* recebem do Estado as sementes seleccionadas, que serão entregues ao indígena, mas com o encargo de dirigir e fiscalizar a preparação das terras, as sementeiras e as colheitas. O indígena vende ao concessionário, pelo preço que o Estado tenha determinado, todo o algodão em caroço produzido naquela zona. Depois é devidamente descarçado, e reduzido em prensas a um volume mínimo.

O lucro do concessionário consiste na diferença entre o custo do algodão em caroço, e o que êle recebe depois de estar devidamente tratado e pôsto no lugar indicado pela Junta.

O algodão está a ser cultivado com interesse nas regiões de Malange e Catete. Sabe-se que os terrenos do Congo Belga, juntos à região fronteira de Teixeira de Sousa, ou proximidades, produzem bom algodão. E' natural que no nosso território, de idénticas qualidades climáticas e geológicas, se dê similar produção.

Em Benguela, Quilengues e regiões vizinhas, assim como no Sul de Angola, tem sido experimentada com sucesso esta cultura.

Por não haver, como disse, estudos sôbre climas e terras que nos forneçam indicações seguras para se fazer esta ordem de explorações agrícolas, teremos de nos orientar por meio de cautelosas tentativas.

O algodão dá-se nas regiões onde os climas são geralmente maus para o europeu. Apesar disso a produção tem aumentado muito, sendo de esperar que, dentro de pouco tempo, possa dispensar-se a importação do estrangeiro.

A ramie é uma fibra do género urtiga, boa para a indústria têxtil. São cortadas as suas hastes, de 65 em 65 dias, obtendo-se delas fibras muito compridas e boas. Devem suspender-se os cortes nos meses frios (de Maio a Setembro), ficando as plantas, durante este espaço de tempo, em repouso e livre crescimento. Produz um rendimento anual de 1.800 a 2.000 quilos por hectare.

Tem havido dificuldades em obter boas máquinas para desfibrar esta planta. Ultimamente foram experimentadas, com sucesso, máquinas alemãs «Monfort e Blinder» e outras italianas, fabricadas por «Acquator», de *brevet* Antoniotti, sendo seu representante Eduardo Brogli, de Turim. São facilmente transportáveis, dispõemem 3,5 H. P. de força motriz, e custavam, em 1938, 10.500 liras.

Em 1939 a cotação da ramie em palha era de £. 28.15 por tonelada, enfardada e posta a bordo, no Lobito.

Serve esta fibra para o fabrico de vários tecidos — as mais finas mangas de incandescência para a iluminação a gás, as telas de avião, artigos de camisaria e roupa de cama, etc. Também tem aplicação na indústria de sapataria, no fabrico da sêda vegetal e em diversos tecidos brilhantes. As hastes, depois de extraídas as fibras, são aproveitadas para o fabrico de papel, e noutras aplicações.

Esta planta dá-se nos planaltos. E' muito regular a sua produção e, portanto, menos contingente a sua cultura, que assim pode perfeitamente ser feita pelo europeu, em boas condições.

Urena lobata. — A fibra desta planta é largamente aproveitada pelos indígenas para o fabrico de cordas, rédes de pesca, etc. É extraída dos caules da planta, que se dá bem nos climas quentes e húmidos, e produz, em média, um rendimento, por hectare e por ano, de 800 a 1.000 quilos de fibra. Já se tem alcançado, porém, o dôbro desta produção.

No *Relatório* que elaborei, e cujo resumo estou dando aqui, transcrevo diversos e importantes trabalhos que tratam muito desenvolvidamente de tudo quanto se pode relacionar com estas fibras.

*

A indústria de fição e tecelagem tomou em Portugal um desenvolvimento excessivo. O consumo interno é inferior à produção. E, como em situações normais não deve ser possível a exportação em concorrência com o estrangeiro, pode prever-se um futuro pouco agradável.

Julgavam os industriais que a grande massa da população negra das nossas colónias viria a adquirir, dentro de pouco tempo, o hábito do vestuário. Realmente, se assim sucedesse, e se, por outro lado, fôsse possível eliminar das colónias a concorrência estrangeira, podiam multiplicar-se as fábricas dêste ramo industrial. Foi, certamente, êste pensamento que determinou a construção de fábricas novas e o aumento constante das que existiam. Mas o preto continua a andar de tanga, quando muito, e de tanga passará a andar quem não olhar com senso para o futuro.

A nossa indústria têxtil deveria ter acompanhado, passo a passo, a marcha do progresso do mundo industrial. Como não sucedeu assim, como se manteve em grande parte na dependência dos seus antiquados maquinismos, encontra-se hoje em condições de não poder concorrer com as fábricas modernas, que produzem muito mais e melhor, e cujas máquinas dispõem grande número dos operários que as antigas exigiam. Foi, sem dúvida, um êrro grave esta fixação à rotina; mas, já agora, não é aconselhável a substituição imediata de todos os maquinismos antiquados por outros modernos e automáticos, que per-

mitam uma considerável redução de trabalhadores, porque isso viria contribuir para o aumento do número dos desempregados. Por outro lado, a substituição dos maquinismos antigos por outros automáticos, mas em número bastante que permitisse continuarem no trabalho todos os operários até então empregados, daria motivo a aumentar-se consideravelmente a produção, sem haver garantido o seu consumo, do que resultaria o encerramento de uma parte das fábricas e, igualmente, o aumento do número dos desempregados.

*

Os tecidos de fabrico nacional ficam-nos, portanto, pelas razões acima indicadas, por preços bastante elevados. De modo que, os destinados às nossas colónias, sobrecarregados com os direitos de importação e exportação e com elevados fretes marítimos, facilmente são batidos pela concorrência estrangeira.

No Congo Belga já se fabricam tecidos. Existe, pelo menos, ali uma fábrica, «A Texaf», com 6.000 fusos e 300 teares automáticos, sendo possível que actualmente existam mais. Por sua vez, a União Sul Africana está aumentando sucessivamente a sua capacidade industrial.

Jornalistas, escritores e oradores de várias nações estrangeiras têm pugnado pela abertura das fronteiras alfandegárias das Colónias. E' isto o que se diz, se ouve, se lê e se procura pôr em vigor.

Van Zeeland apresenta, no seu plano para a solução do problema colonial, várias propostas, entre as quais: — a) regime de porta aberta; b) estabelecimento de zonas de influência de actividade económica e com capital internacional; c) troca de matérias primas por produtos industrializados que as colónias consumam.

Die deutsche Volkswirtschaft, em artigo recente, intitulado «A raça branca em perigo», diz: a superfície da Africa é superior a 11 milhões de milhas quadradas, pertencendo cerca de 40 0/0 desta área à Inglaterra, 30 0/0 à França, 8 0/0 à Bélgica, e aproximadamente 7 0/0 a Portugal. Não se pode dizer se esta distribuição de territórios corresponde, de facto, à importância dos respectivos países europeus nos destinos africanos,

ou se deveremos voltar ao ponto em que estávamos em 1914. Fala na passagem de territórios africanos para mãos fortes. Declara que ninguém pensa em despojar os belgas ou os portugueses das suas colónias, mas que se deve aceitar o princípio da porta aberta, etc.

Lord Lugard, grande figura de colonizador inglês, diz: As colónias portuguesas têm uma área de, aproximadamente, 23 vezes o território metropolitano. Terá esta nação recursos, em gente e dinheiro, para administrar e valorizar tão vastas regiões?

O livro *The Forward View*, de L. M. Amery, considerado um dos grandes coloniais ingleses, e que foi Ministro das Colónias de Inglaterra, referindo-se à Alemanha não possuir colónias, diz que esta nação precisa de expandir os seus produtos industriais, e apresenta como melhor solução entrarem a Holanda, a Bélgica e Portugal num acôrdo com aquele país, fornecendo a Alemanha os capitais, em troca de vantagens em mercadorias e pessoal, para a organização do comércio e indústria coloniais.

Daqui se pode concluir que se pretende absorver das nossas colónias os interêsses que a nós próprios elas poderiam dar.

A única forma de nos defendermos de um perigo tão ameaçador seria industrializarmos as nossas colónias; porque, se o algodão, por exemplo, nelas produzido fôsse ali fiado, tecido e vendido, sem ser sobrecarregado com direitos de importação e exportação, despesas de transportes, etc., evidentemente se poderiam vender lá os tecidos por um preço que venceria por força a concorrência estrangeira, aumentaria o consumo e a produção, e a Colónia engrandeceria no interêsse geral, dando riqueza a muita gente.

A forma de evitar aos industriais da Metrópole os prejuizos que daquela industrialização colonial adviessem, seria a constituição de sociedades, nas quais fôsse facultativa a entrada dos que explorassem a mesma indústria em Portugal. Os maquinismos que no continente estivessem a laborar para a exportação colonial, seriam transferidos para a Africa, onde continuariam produzindo o mesmo trabalho e a empregar o operariado europeu que os acompanhasse. Assim se reduziria o excesso de produção em Portugal, e se aumentaria a

produção nas colónias, com a vantagem de ser possível dar trabalho a muitos europeus.

Há quem considere preferível a inutilização dos maquinismos antiquados que existem em Portugal a trabalhar para as colónias, de forma a nunca mais êles poderem ser aproveitados pela indústria, enviando-se para a Africa máquinas modernas, aperfeiçoadas, de maior produção, visto ter-se como certo o consumo. Mas há também quem mantenha a primeira opinião, isto é, que tôdas as máquinas antiquadas existentes em Portugal passem a fazer parte das fábricas a construir em Africa, para que, na Metrópole, êsses velhos maquinismos possam ser substituídos por material novo e moderno, que permita aperfeiçoar os processos de trabalho. Eu penso que não deveria, realmente, causar boa impressão mantermos em laboração em Africa maquinismos modernos e perfeitos destinados aos indígenas, enquanto na Metrópole nos servíamos de máquinas antigas, em tudo piores, e produzindo artigos inferiores, destinados a europeus.

*

Na escolha dos locais convenientes para a construção, em Angola, de fábricas de fiação e tecidos, deve naturalmente atender-se à facilidade de comunicações com o litoral e com todos os centros produtores e consumidores, não esquecendo também o clima, que deverá ser o mais próprio para a vida dos europeus.

Hoje, as terras conhecidas como boas para a cultura do algodão e mais aproveitadas, são, como dissemos, as de Catete e de Malange. Mas é natural que outras zonas, porventura distantes destas e de igual ou superior valor, venham a ser cultivadas.

Não está indicada, portanto, a construção de fábricas nos locais onde o algodão é produzido actualmente, não só porque o clima óptimo para a cultura do algodão é, como já salientámos, o pior para o colono europeu, mas ainda porque, com a multiplicação das zonas de produção algodoeira, teríamos de aumentar o número de fábricas. Salvo melhor opinião, entendo que a primeira grande fábrica deveria ser construída no litoral, num meio de recursos e de bom clima, como

Luanda, por exemplo, desde que o Estado tomasse à sua conta o aproveitamento das notáveis quedas de água da colónia, entre as quais por exemplo a de Duque de Bragança, que deve poder produzir energia hidro-eléctrica bastante para desenvolver muitas dezenas de milhar de H. P. Seriam também aproveitáveis para uma construção desta ordem as saudáveis terras do planalto de Benguela, com altitudes de 1.500 a 1.900 metros, bons climas, água potável para as necessidades da indústria e da alimentação do pessoal que ali trabalhasse, quedas de água com caudais e desníveis capazes de produzirem uns 4 a 5 mil H. P. de força motriz, e com um caminho de ferro que atravessa toda a Colónia, desde o Lobito (magnífico pôrto de mar, devidamente apetrechado) até ao Congo Belga (1.400 quilómetros). No Congo liga este C. F. com o daquela Colónia, e daí com os da Rodésia, da União Sul Africana e da nossa Província de Moçambique. A par de todas estas vantagens existem, como já dissemos, no planalto de Benguela magníficos terrenos para uma boa colonização agrícola. Finalmente, a posição central que o planalto ocupa, prestar-se-ia a uma melhor distribuição por toda a Colónia dos produtos industriais e agrícolas ali obtidos.

No meu aludido Relatório indiquei Longonjo e outros locais do planalto de Benguela, fazendo referência às quedas de água que ali vi, seus caudais e desníveis, distâncias a que ficam dos lugares apropriados para a construção de fábricas, meios de comunicação de que se pode dispor, climas, etc. E todos os alvitres apresentados se baseiam não só no que observei directamente, mas ainda em estudos e opiniões de engenheiros, de regentes agrícolas, de pessoas conhecedoras do meio e do assunto.

Pelo último censo a população de Portugal é de perto de 8 milhões. Prevê-se o aumento populacional de 1 milhão, em cada período de 10 anos. Se assim fôr, deveremos ter, daqui a 50 anos, 12 ou 13 milhões de habitantes, ou seja um aumento de mais de 50 % da população actual. Se, com a população existente, já se sente a falta de géneros, o que sucederá daqui a 50 anos, se nada se fizer com os olhos no futuro?

E', pois, necessário tirar das terras metropolitanas o maior proveito que elas possam dar, e encaminhar para a emigração colonial uma parte do excedente da população. Para as terras metropolitanas se tornarem mais produtivas, é indispensável orientar, ensinar, e até obrigar, o lavrador a abandonar a rotina, e a tratá-las com mais competência e cuidado.

Para as nossas colónias serem desejadas pelo emigrante, é preciso que estejam preparadas para o receber, e ali poder viver e trabalhar com proveito. Ao Governo cabe esta difícil, dispendiosa mas indispensável missão.

*

Colonização. As colonizações industrial e agrícola (tanto uma como a outra realizadas por famílias), quando bem dirigidas e devidamente auxiliadas pelo Estado, trazem um útil aproveitamento das terras onde se estabelecem e, conseqüentemente, um aumento de produção, tornando mais segura a nossa soberania, engrandecendo a Colónia e descongestionando a Metrópole; reduzindo, em suma, o número dos desempregados, e tirando da miséria muito europeu que nada ganha na Metrópole.

A primeira — a industrial — será constituída pelos empregados e operários acompanhados das famílias que se destinem a trabalhar nas fábricas que em Africa se construam, ficando a habitar as casas dos bairros propositadamente edificados para elles.

A segunda — a agrícola — deve ser organizada com as famílias que estiverem nas condições indicadas no Relatório da Companhia dos Caminhos de Ferro de Benguela, que adiante se transcreve, na parte que interessa a este estudo.

A colonização por famílias deve ser a preferida, não só porque assim mais facilmente se conseguirá a desejada fixação dos europeus em Africa, mas também porque se evita, quanto possível, o mestiço, que é geralmente um revoltado contra tudo e contra todos, até mesmo contra os seus progenitores, odiando um deles porque é branco e o outro porque é preto. Mas esta forma de colonização só pode levar-se a efeito quando as terras africanas estiverem inicialmente des-

bravadas, as casas e fábricas construídas e prontas a funcionar, os gados adquiridos, o mobiliário e os maquinismos nos seus lugares, as sementes em depósito, as alfaias agrícolas nos cobêrtos, uma cooperativa que forneça os artigos indispensáveis à vida doméstica quotidiana, a igreja e a escola garantindo a assistência moral e intelectual, a enfermaria provida de medicamentos e do pessoal e material precisos para receber doentes e tratá-los. A par disto, é indispensável uma boa direcção, com os seus regulamentos, um técnico para orientar e instruir os colonos e, finalmente, que existam mercados garantidos para tudo quanto se produzir.

(Continua).

ALBERTO CARDOSO MARTINS DE MENEZES MACEDO
(MARGARIDE).